



Português para Estrangeiros: entrevista com Nildiceia Rocha

Cora Elena Gonzalo Zambrano¹

coragonzalo@gmail.com

Fabricao Paiva Mota²

fabricao@yahoo.com.br

Marcus Vinícius da Silva³

marcus.silva@ufr.br

RESUMO:

Nesta entrevista, exploramos as contribuições da Professora Nildiceia Aparecida Rocha nos estudos do Português para Estrangeiros. Na parte inicial, apresentamos a pesquisadora, partindo de sua formação acadêmica, temas de pesquisa, coordenações de projetos e publicações. Em seguida, passamos para a entrevista propriamente dita, em que constam sete perguntas. Nelas, Nildiceia discorre sobre formação de professores de português para estrangeiros, avanços na área, material didático e migração.

PALAVRA-CHAVE:

Português como Língua Estrangeira;
Português como Língua de Acolhimento;
Formação de professores.

¹ Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima. Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7617-2704>.

² Professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima. Realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (Unesp/Araraquara). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5136-8222>.

³ Professor de Língua Portuguesa e Espanhola do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima. Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa (Unesp/Araraquara). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3907-3277>.

Nildiceia Aparecida Rocha é licenciada em Letras Português e Inglês pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto e licenciada em Letras Português e Espanhol pela Faculdade de Medianeira (Facemed); possui duas especializações: a primeira em Língua, Literatura e Ensino de Língua Espanhola pela Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e a segunda em *Docencia Universitaria* pela *Universidad Nacional de Misiones* (UNaM), na Argentina. A entrevistada possui mestrado em Estudos Literários e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa, ambos os títulos obtidos pela Unesp, Campus de Araraquara. Nildiceia também realizou pós-doutorado em ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras na *Universidad de Sevilla*, Espanha. Em 2018, obteve o título de Livre Docente em Português Língua Estrangeira (PLE) pela Unesp.

Atualmente, é professora do Departamento de Letras Modernas e da Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara (FCLAr) da Unesp, onde orienta trabalhos de final de curso na graduação e dissertações e teses, na pós-graduação. Seus interesses de pesquisa incluem as áreas de Análise de Discurso, Linguística Aplicada e Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras, especialmente de Português e Espanhol como Línguas Estrangeiras. É líder do Grupo de Pesquisa em Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras (GPEALE).

Dentre as atividades de coordenação desenvolvidas pela entrevistada destacamos a coordenação do Projeto Redes de Pesquisa Internacional (CAPES PrInt 2), intitulado Ensino e Aprendizagem de Português Língua Estrangeira e Espanhol Língua Estrangeira: Interfaces (EAPELE), em parceria com Espanha, França e Portugal; e a coordenação do Idiomas sem Fronteiras (IsF) Português da Rede Andifes IsF na Unesp. Também é representante titular da Unesp no *Nucleo Disciplinario PELSE* (Português e Espanhol língua estrangeira e segunda língua) na *Asociación de Universidades Grupo Montevideo* (AUGM).

Nildiceia é membro de Corpo Editorial da Revista *EntreLínguas* (FCLAr/UNESP). Dentre as diversas publicações nacionais e internacionais da entrevistada, destacamos o livro *Tirando de letra: português brasileiro para estrangeiros* (Letraria, 2021). No âmbito da extensão universitária, mencionamos o

Projeto Português como Língua de Acolhimento (PLAc) para refugiados e migrantes coordenado pela entrevistada na Unesp/Araraquara desde 2018.

Após essa breve apresentação, convidamos os leitores a participarem desse diálogo sobre Português para Estrangeiros.

Entrevistadores: Como se constituiu a área de PLE no Brasil?

Nildiceia Rocha: Historicamente, a área de português língua estrangeira (doravante PLE) é entendida como uma área de ensino e aprendizagem da língua portuguesa para pessoas que têm outra língua como língua materna (doravante LM) diferente da língua portuguesa. Há estudos que versam sobre as especificidades da área ao focalizar contextos singulares de ensino de português como uma segunda (doravante L2), ou terceira ou quarta, etc., entendida como uma língua aprendida após a primeira língua (L1) ou a LM, por exemplo: em contexto de língua de herança (LH), nas diásporas de brasileiros ou portugueses (também alguns africanos) quando estes vão morar em outro país onde não se fala a língua portuguesa no contexto do dia a dia, assim são levados a aprender e usar a/s língua/s falada/s no novo contexto e quase não usam mais a língua portuguesa, e após algum tempo quando os filhos ou netos querem “resgatar” ou “recuperar” aquela língua falada por seu pai/avô ou sua mãe/avó, temos um ensino de português (ou outra língua) no que amplamente dizemos ser LH (salvaguardando as especificidades); e outro exemplo, é o de migração, no qual sujeitos de vários países, como a Venezuela, tem vindo massivamente para o Brasil em situação de deslocamento forçado, nesse caso a língua portuguesa será ensinada para atender necessidades e interesses urgentes e de sobrevivência, perpassando questões de afetividade e identidade no novo contexto no qual muitas vezes estão em situação de vulnerabilidade, temos assim o ensino de PLE em situação de “Acolhimento” (PLAc, seguindo Grosso, 2010). No contexto do território brasileiro, a área de PLE deu-se desde que os portugueses aqui chegaram e “(im)puseram” a língua portuguesa como língua oficial em *terra brasilis*, passando com o tempo a ser a nossa língua também (sabemos que o Brasil não é um país monolíngue e as outras línguas que aqui falamos compõem um mapa linguístico plurilíngue nacional), mas a partir de nosso “falar” tipicamente brasileiro. Desde os anos de 1960, há registros do ensino e aprendizagem de PLE em contexto acadêmico e de modo mais expansivo, mas especificamente apenas nos últimos 40 anos que a área de PLE está sendo impulsionada por processos de movimentos políticos, sociais, históricos e culturais dos sujeitos no mundo que aprendem e ensinam a língua

portuguesa (advindos de interesses de diversas ordens), registrando, desse modo, um importante avanço acadêmico-científico, metodológico, de produção de materiais didáticos e de novos postos de trabalho na área, como um movimento de ampliação e consolidação da área de PLE no Brasil e além-mar. Na atualidade, as especificidades ou modalidades (pensando nos contextos de ensino de PLE), podem ser vistas de acordo com as seguintes nomenclaturas:

- PLE: português língua estrangeira, pela extensão e historicidade do termo,
- PL2: português segunda língua, considerando as inclusive línguas em contato no mesmo contexto,
- PFOL: português para falantes de outras línguas, no sentido de incluir português para indígenas e surdos (que muitas vezes têm o português como L2), usada principalmente na Universidade de Londrina (UEL),
- PLH: português língua de herança, pela especificidade do termo (comentado anteriormente) em resgate da língua dos pais ou dos avós em contexto no exterior,
- PLA: português língua adicional, pela atualização histórica e teórica do termo (SCHLATTER; GARCEZ, 2012),
- PLNM: português língua não materna, sendo usado geralmente em Portugal e no Congresso Internacional de Português Língua Não Materna (CIPLÍNM),
- PLAc: português língua de acolhimento, no contexto atual do termo (ou PBMH – Português Brasileiro para Migração Humanitária – UFPR),
- Português na fronteira: diversos contextos ao longo do território brasileiro e os países de fala hispânica (entendido muitas vezes como “portunhol”),
- Para falantes asiáticos, falantes hispânicos, entre outras especificidades...

Para aprofundar mais sobre o tema, podem consultar também o artigo (entre outros):

ROCHA, N. A. O ensino de Português língua estrangeira no Brasil: ontem e hoje. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação** – ISSN 1981-9943 Blumenau, v. 13, n. 1, p. 101-114, jan./abr. 2019.

Entrevistadores: Considerando o contexto migratório forçado ou de crise, como o caso dos venezuelanos para o Brasil, quais são os desafios e as especificidades no que se refere ao ensino-aprendizagem de PLAc?

Nildiceia Rocha: Ao entendermos o ensino de língua portuguesa para sujeitos em situação de deslocamento forçado e em vulnerabilidade, tanto social, política e identitariamente, pauto o entendimento sobre o ensino e aprendizagem de português em contexto de acolhimento (PLAc), de acordo com os estudos de Grosso (2010), Cabete (2010), Amado (2013) e Sene (2017) entre outros, considerando que em tal contexto: “[...] o PLAc representa uma perspectiva outra, inovadora e significativa no campo do PLE, uma vez que, além de assistir a demandas não atendidas pelo Estado” (COSTA; SILVA, 2018), baseia sua metodologia numa cultura de ensino participada, que respeita os processos de reconstrução identitária dos sujeitos (ANUNCIACÃO, 2018) com foco na promoção da cidadania e na consciência e diálogo interculturais (SILVA; COSTA, 2020).

Para aprofundar mais sobre o tema, podem consultar também o artigo (entre outros):

O ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) na linha do tempo dos estudos sobre o Português Língua Estrangeira (PLE) no Brasil. **Revista Horizontes De Linguística Aplicada**, 19(1), 125–143. <https://doi.org/10.26512/rhla.v19i1.24117>

A partir desse conceito, alguns dos desafios que observo são:

- Criação de disciplinas de língua portuguesa como língua estrangeira e suas especificidades (mencionadas anteriormente: PLH, PL2, PLAc etc.) nas instituições de ensino superior (universidades, faculdades e institutos federais) tanto na graduação como na pós-graduação, promovendo assim o desenvolvimento de pesquisas e publicações na área; tal ação é vista como uma prática necessária para a ampliação e consolidação dessa “subárea” de PLE;
- Desenvolvimento e publicação de materiais didáticos para os contextos mais variados de acolhimento, tais como para crianças não-alfabetizadas (Placinho – Baby), crianças alfabetizadas (Placinho Maior), adolescentes, adultos, idosos, para fins específicos de profissionais, assim como para atender ao necessário processo de cidadania aos estrangeiros (cursos específicos de acordo com as exigências governamentais), etc;
- Ampliação de espaços de ensino de PLAc e de formação inicial e continuada de professores para atuarem na área de PLAc, como uma política educacional e linguística nacional em território brasileiro;

- Consolidação da área com políticas públicas e linguísticas de inclusão e abertura de espaços (sociais, trabalhistas etc.), para os sujeitos em situação de acolhimento, dando visibilidade e voz para as particularidades de cada contexto ao longo do território nacional.

No ensino de PLAc e segundo o Projeto de Ensino de Português Língua de Acolhimento para venezuelanos que temos desenvolvido desde 2018, na FCLAr/Unesp (FIORELLI et. al., 2021, p. 103, o qual pode ser consultado gratuitamente em <https://raple.fclar.unesp.br/2021-2/>), verificamos que:

- é fundamental estabelecer parcerias entre instituições que possam promover o ensino e aprendizagem de PLAc: “Consideramos importante a parceria entre as instituições, como a universidade, a prefeitura e a igreja, para viabilizar a realização do projeto, o que indica uma condição relevante para a área de PLAc”.

- é imprescindível criar espaços de ensino e aprendizagem de português para os sujeitos em situação de acolhimento, tendo em vista que estes declaram como contribuição: “[...] que têm enriquecido as oportunidades de aprender a Língua Portuguesa, como também têm permitido aos alunos conhecer outras possibilidades de trabalho e de integração na comunidade” (Idem).

- é necessário também promover reflexões teóricas, metodológicas e, inclusive, humanas nos professores de português e voluntários envolvidos no projeto (em geral alunos da graduação em Letras e em Pedagogia, assim como mestrandos e doutorandos e as supervisoras, que são professoras da Universidade), uma vez que a participação no projeto tem contribuído nas práticas de ensino de língua estrangeira, em especial de português língua estrangeira em contexto de acolhimento, pois como dizem os participantes: “[...] têm colaborado para o desenvolvimento do trabalho em grupo e do sentimento e exercício da alteridade e empatia, isto é, o projeto não somente tem cooperado com a formação profissional, mas sobretudo com a formação humana desses professores”. (p. 101)

Portanto, a partir da experiência que vivenciamos no interior do Estado de São Paulo, na cidade de Araraquara, e as pesquisas que temos desenvolvido (que podem ser consultados no Repositório de Dissertações e Teses da FCLAr-UNESP: https://agendapos.fclar.unesp.br/agendapos/linguistica_lingua_portuguesa/teses_e_dissertacoes), as especificidades no

ensino de PLAc têm sido de diversas ordens: teóricas, práticas e metodológicas, as quais devem ser dimensionadas em cada contexto regional no qual os alunos acolhidos se encontram, salvaguardando a extensão continental e a ampla diversidade linguística e cultural do nosso Brasil.

Entrevistadores: Considerando sua atuação profissional (que iniciou na Argentina e se consolida em Araraquara) e suas pesquisas (projetos e orientações de TCCs, dissertações e teses), quais seriam os conhecimentos imprescindíveis para a formação inicial e continuada de professores de PLE? Como os cursos de licenciatura em letras no Brasil estão se preparando para essa demanda?

Nildiceia Rocha: Confesso que essa pergunta me instiga muito desde 1996, quando iniciei minha prática docente, ainda muito incipiente, em PLE, e creio que hoje tenho um pouco mais claro que conhecimentos devem estar presentes tanto para a formação inicial e continuada como na atuação (que deve ser sempre em processo de reflexão e transformação) na área. Mas penso que sempre falta algo, pois parafraseando a poeta Alice Ruiz, Há palavras para quase tudo na vida, mas parece que na hora H falta algo, metaforicamente, a língua não dá conta de tudo, ou discursivamente é a “língua que falha”. Assim, traço alguns parâmetros que no momento considero fundamentais para a formação e a atuação do professor de PLE / PLNM, os conhecimentos devem ser:

1 - sobre a língua portuguesa, a partir do conceito de língua pluricêntrica a partir de Regina Brito: “A riqueza da diversidade sócio-histórico-cultural dos espaços de língua portuguesa e o reconhecimento das suas variedades (constituídas na inter-relação com as demais línguas de cada localidade) devem estar na pauta dos estudos sobre as dimensões do português no contexto atual”. (BRITO, R. P. “Português Língua Pluricêntrica”. In: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/portugues-lingua-pluricentrica-artigo-de-regina-pires-de-brito/>, Consultado em 24 de Dez. de 2021);

2 - sobre metodologias de ensino de línguas estrangeiras, que se diferencia do ensino de português como língua materna ou segunda língua, (re)conhecendo a história do ensino de línguas estrangeiras associada às teorias linguísticas que as sustentam, para assim poder tomar decisões teórico-metodológicas nas aulas de PLE;

3 - sobre relação entre língua, cultura, literatura e artes do Brasil e dos países lusófonos, estabelecendo relações de interculturalidade e transdisciplinaridade;

4 - sobre as inter-relações entre língua, cultura e história da língua portuguesa, também como língua pluricêntrica;

5 - sobre as especificidades do ensino e aprendizagem de PLE nos diversos contextos que possamos encontrar ou construir (PLE, PL2, PLH, PLAc, etc...);

6 - e, de modo transversal, para falantes nativos de língua portuguesa, ou seja, para um professor que tenha a língua portuguesa como língua materna ou segunda língua, é necessário colocar-se no lugar do outro em tal processo, desnaturalizando certos conceitos e “certezas” sobre a língua portuguesa e cultura brasileira (ou lusófona), para assim poder “ver” e “ensinar” a língua portuguesa na perspectiva do aluno, como sendo algo “novo” ou “não conhecido”, em um processo de (des)construção e (re)construção da(s) identidade(s) linguístico-cultural que possa ter sobre a língua portuguesa como falante nativo (Ver em ROCHA, N. A. “A prática de professores de Português Língua Estrangeira (PLE) durante a formação acadêmica: identidades reconstruídas”, In: KFOURI KANEOYA, M. L.C. **Português Língua Estrangeira em contexto Universitário**. São Paulo: Mercado das Letras, 2018, p. 267-288.)

Em um primeiro momento, esses cinco blocos de conhecimentos parecem ser um “mundo” impossível de ser “aprendido” ou “ensinado”, mas particularmente, quanto mais tenho me aventurado nesses conhecimentos, (re)conhecendo-os ao longo de minha trajetória acadêmica, profissional e investigativa, mais tenho percebido que precisamos estar sempre e constantemente estudando e aprendendo, para podermos ensinar e aprender mais e mais com nossos alunos, em especial alunos que querem aprender a nossa língua e cultura. É um encantador desafio para a vida!

Com relação aos Cursos de Licenciatura em PLE no Brasil, sabemos que existem 4 cursos de Licenciatura, cronologicamente são: na Universidade de Brasília (1998), na Universidade Federal da Bahia (2008), na Universidade da Integração Latino Americana (2015) e na Universidade de Campinas (2017), cada uma com suas condições de produção e formação socio-histórica, institucional e geograficamente dadas (Ver BIZON, A. C; SCARMUCCI, M. Formação inicial e continuada de Português Língua Estrangeira/Segunda Língua no Brasil. Araraquara: Letraria, 2020). Portanto, são cursos que são criados a partir de fins dos anos 90 do século passado, somente há 30 anos, sendo ainda muito jovens e com muitos aspectos a serem desenvolvidos

e ampliados, como por exemplo formar mais professores, mestres e doutores em PLE para atuarem no território nacional e internacional. Não obstante, a Argentina tem curso de formação de professor em PLE desde os anos 50 do século passado, na cidade de Buenos Aires, e a partir do início dos anos 90 (muito graças ao Mercosul) houve uma ampliação de tais Licenciaturas, tanto que atualmente há mais de 14 cursos de Licenciatura em PLE, universitários ou terciário. Por sua vez, do outro lado do Atlântico, a Espanha tem 4 cursos de formação de professores em PLE, a par do Brasil.

Nesse sentido, podemos perceber que há um grande “vazio institucional”, de cunho histórico, político e institucionalmente, no Brasil. Em contrapartida, percebemos que há muitos postos de trabalho, de atuação docente e de pesquisa, nacional e internacionalmente, mas infelizmente as decisões dos dirigentes das instituições que possam abrir tais espaços não estão promovendo a criação de Cursos de Licenciatura, ou seja, a formação de profissionais devidamente qualificados na área, ao contrário há um “vazio institucional”.

Por outro lado, atendendo à demanda urgente e histórica, nos últimos 10 anos, várias universidades que têm cursos de Licenciatura em Português (como LM) têm oferecido disciplina em PLE, seja como optativa ou obrigatória, assim como em Libras, seguindo as orientações educacionais do Governo. Portanto, está havendo mais divulgação da área nos cursos de Letras no Brasil e nas escolas públicas que têm recebido muito migrantes, massivamente venezuelanos.

No contexto da Pós-Graduação, também temos tido nas duas últimas décadas, o oferecimento de disciplinas em PLE, como as que tenho oferecido no Programa de Linguística e Língua Portuguesa da FCLAr/UNESP, desde 2006 e 2020, juntamente com colegas nacionais e estrangeiros, graças a minha participação na Rede Andifes Idiomas sem Fronteiras – PLE e à Rede de Pesquisa Internacional do Capes PrInt, intitulada “Ensino e aprendizagem de Português e Espanhol Línguas Estrangeiras: EAPELI”, que tenho coordenado desde 2019 em parceria com universidades de Portugal, Espanha, França e Alemanha.

Entrevistadores: A senhora faz parte da Rede Andifes Idiomas sem Fronteiras (IsF) na área de Português para Estrangeiros. Qual o papel da Rede IsF no processo de formação de professores de PLE? Quais ações a Rede IsF-Português desenvolve em âmbito nacional e internacional?

Nildiceia Rocha: A Rede Andifes-IsF de acordo com o site (https://www.andifes.org.br/?page_id=82328), tem objetivo de promover a

- “formação inicial ou continuada de professores de idiomas para atuarem em processos de internacionalização;
- o desenvolvimento de proficiência linguística de: estudantes, docentes e corpo técnico-administrativo das IFES credenciadas, professores de idiomas da rede pública de Educação Básica, estrangeiros (em língua portuguesa), contribuindo para o desenvolvimento de uma política linguística para o país;
- o trabalho em rede para o desenvolvimento de políticas linguísticas no Ensino Superior Brasileiro.”

Desse modo, a Rede Anfifes-IsF tem atuado “em consonância com as políticas de internacionalização das IFES credenciadas e com as políticas governamentais que as IFES se vincularem”, e acrescento que também com as Instituições Superiores Estaduais, Particulares e os especialistas estrangeiros que participam da Rede. Além disso, ainda seguindo o mesmo site:

“A Rede Andifes-IsF permite que especialistas de qualquer instituição de ensino superior, nacional ou internacional, se credenciem por intermédio de chamadas específicas para atuarem colaborativamente para o aumento do nível de proficiência em língua estrangeira nas IFES credenciadas, com propostas de atuação no tripé ensino-pesquisa-extensão.”
https://www.andifes.org.br/?page_id=82328

Portanto, como especialista dessa Rede tenho tido o prazer de participar ativamente de suas ações e tenho estabelecido parcerias com especialistas da área de PLE nacional e internacionalmente, o que tem colaborado de modo decisivo e articulado à minha prática docente e investigadora, assim como nas orientações e na minha produção científica em PLE. Somos hoje uma rede de especialistas e amigos que acreditamos em um projeto comum, levar a língua portuguesa e a cultura brasileira para outros mares ainda não navegados.

Entrevistadores: Em 2021, a senhora publicou com outros pesquisadores o livro didático *Tirando de letra: português brasileiro para estrangeiros*. Qual a importância e quais as dificuldades na elaboração e produção de materiais didáticos na área de PLE no Brasil?

Nildiceia Rocha: A experiência de publicar um livro didático foi algo realmente desafiador e prazeroso, pois desde que me formei em Letras, no início dos anos 90, tenho atuado no ensino de línguas, materna e estrangeira, e sempre desenvolvendo direta ou indiretamente material didático tanto de apoio como orientador de minha

prática em sala de aula. Também tenho desenvolvido pesquisas e cursos sobre análise e produção de material didático e livro didático de português língua estrangeira ou de espanhol língua estrangeira, minhas áreas de atuação e pesquisa.

Desse modo, quando tive a oportunidade, juntamente com orientandos de mestrado, de elaborar, aplicar, revisar e publicar o livro **Tirando de Letra**, que inicialmente se chamava “Português de Casa”, foi uma oportunidade que “agarrei com unhas e dentes”, parafraseando Fernando Sabino.

Percebo, por um lado, que é necessário a produção de livros didáticos em PLE e de níveis gerais, principalmente para níveis de ensino intermediário e avançado, como pretende ser o livro **Tirando de Letra**. Também que articule em um único volume questões de língua como prática social, assim como questões de ordem socioculturais e gramaticais, porque muitas vezes encontramos livros didáticos que promovem a prática da língua, mas sem articulá-la com a gramática.

Por outro lado, é fundamental que tenhamos a produção, divulgação e o acesso a materiais didáticos e livros didáticos que mobilizem o ensino de português para estrangeiros considerando as suas especificidades como para o PLAC, PLH, Português para falantes de espanhol, português para falantes de línguas asiáticas, etc., campo ainda pouco explorado.

Sobre a experiência de publicar o livro didático **Tirando de Letra**, percebemos que foi muito importante tê-lo utilizado em sala de aula antes de publicá-lo para verificar o que funcionava ou não, mesmo sabendo que o livro poderá ser utilizado em outros contextos, verificamos sua aplicabilidade positiva no ensino e aprendizagem de português para estrangeiros. Essa experiência aconteceu em situação de imersão na língua, portanto no Brasil, mas já tivemos relatos de colegas professores de PLE fora do Brasil que estão usando o livro, e que estão tendo uma excelente aceitabilidade dos alunos e uma significativa aprendizagem da língua. Assim, me sinto (nos sentimos) animados a dar continuidade na empreitada de produzir livros didáticos em PLE e se possível também gratuito e de livre acesso, como é o **Tirando de Letra**.

Entrevistadores: Muito se avançou na última década no que tange ao PLE. Quais seriam os principais desafios para a área nos próximos 10 anos?

Nildiceia Rocha: Considero que realmente avançamos muito nos últimos 30 ou 40 anos, hoje a área é conhecida e está em processo de reconhecimento político, governamental e institucionalmente falando, fato que poderá promover a abertura

de concursos na área tanto nas universidades, nos institutos, nas faculdades como nas escolas de ensino fundamental e médio, o que considero fundamental e urgente.

Outro desafio que percebo é que o PLE tenha visibilidade e voz na grande área da Linguística Aplicada, na qual se insere, e reconhecimento dos pares cientistas, como um movimento de consolidação da área de PLE.

Ainda devemos atentar para as especificidades e contextos nos quais a língua portuguesa como língua estrangeira (ou seja, diferente da LM) possa ser ensinada, reconhecendo as necessidades de cada situação, instituição, país e região (além do momento socio-histórico) de seu ensino e aprendizagem, por exemplo: PLAc, PLH, Português para falantes de espanhol, etc.

Além disso, divulgar a emergência e urgência em se ensinar PLE não deve ser apenas pensando no território brasileiro, mas a partir da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (<https://www.cplp.org/id-2752.aspx>), ou seja nos territórios onde o português pode ser língua materna, língua estrangeira, língua segunda ou terceira ou de decisão política. Assim, considero que é sumamente desafiador (re)conhecer, ensinar e divulgar a Língua Portuguesa como Língua Pluricêntrica, para além do que se fala em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Precisamos percebê-la como nossa língua a partir de um entrelaçamento de vozes que devem estar lá e cá e ressoar além dos mares e dos ventos.

Entrevistadores: Para concluir, quais sugestões a senhora deixaria para os interessados na área de PLE?

Nildiceia Rocha: Eu sou uma eterna apaixonada pela área de PLE e de ELE e a partir desse lugar, por acreditar que é uma dádiva, ser professora e fazer pesquisas em PLE e ELE é maravilhoso. Sugiro que venham conhecer essas áreas, em especial a de PLE, e que se por acaso (tenho quase certeza), vocês se encantarem com ensinar e aprender a língua portuguesa para estrangeiros, venham se juntar a todos nós, pois como nos poetiza João Cabral de Melo Neto no poema “Tecendo a manhã”:

Um galo sozinho não tece uma manhã:
 ele precisará sempre de outros galos.
 De um que apanhe esse grito que ele
 e o lance a outro; de um outro galo
 que apanhe o grito de um galo antes
 e o lance a outro; e de outros galos

que com muitos outros galos se cruzem
 os fios de sol de seus gritos de galo,
 para que a manhã, desde uma teia tênue,
 se vá tecendo, entre todos os galos.
 E se encorpando em tela, entre todos,
 se erguendo tenda, onde entrem todos,
 se entretendendo para todos, no toldo
 (a manhã) que plana livre de armação.
 A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
 que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Precisamos de você também, venha tecer essa luz conosco!!!

Entrevistadores: Gostaríamos de agradecer a disponibilidade da professora Nildiceia Rocha em conceder essa entrevista.



**CHAMADA
 TEMÁTICA**

**Revista
 Diálogos
 (RevDia)**

Portuguese for Foreigners: interview with Nildiceia Rocha

ABSTRACT:

In this interview we explore the contributions of Professor Nildiceia Aparecida Rocha in the studies of Portuguese for Foreigners. In the initial part, we present the researcher, based on her academic background, research themes, project coordination and publications. Then, we move on to the interview itself, in which there are seven questions. In them, Nildiceia talks about training Portuguese teachers for foreigners, advances in the area, teaching material and migration.

KEYWORDS:

Portuguese as a Foreign Language;
 Portuguese as a Host Language;
 Teacher training.